



*The Pillowman:*  
*O homem almofada,*  
 de Martin McDonagh,  
 enc. Tiago Guedes,  
 Teatro Municipal  
 Maria Matos, 2006/2007  
 (Gonçalo Waddington,  
 Nuno Lopes  
 e João Pedro Vaz),  
 fot. João Tuna.

&lt;

## Contar histórias... terríveis

Paulo Eduardo Carvalho

*Titulo: The Pillowman – O homem almofada (The Pillowman, 2003). Autor: Martin McDonagh. Tradução e encenação: Tiago Guedes. Cenário e animação: Jerónimo Rocha, Joana Faria e Nico Guedes. Figurinos: Carolina Espírito Santo. Música original: Hugo Leitão. Desenho de luz: José Álvaro Correia. Assistente de desenho de luz: António Pedra. Interpretação: Albano Jerónimo, Gonçalo Waddington, João Pedro Vaz e Marco D'Almeida. Produção: Teatro Municipal Maria Matos. Local e data de estreia: Teatro Municipal Maria Matos, Lisboa, 7 de Setembro de 2006. Reposição: Teatro Nacional S. João, Porto, 7 de Setembro de 2007 (com Nuno Lopes a substituir Albano Jerónimo).*

Martin McDonagh não é propriamente um dramaturgo desconhecido dos palcos portugueses, muito embora as anteriores três produções nacionais de peças suas tenham tido lugar em territórios mais "periféricos" do que aquele que mais recentemente lhe garantiu o Teatro Municipal Maria Matos, que vem sendo tão eficazmente dirigido por Diogo Infante. Na realidade, em 1997, a companhia Visões Úteis apresentou *O aleijadinho do Corvo* no Pequeno Auditório do, então também muito activo, Rivoli Teatro Municipal, com encenação de António Feio, igualmente responsável pela radical transferência do cenário original das ilhas Aran de *The Cripple of Inishmaan* para a açoriana ilha do Corvo. Independentemente dos méritos muito discutíveis da adaptação, o espectáculo tornava evidente o talento cómico do dramaturgo. Mais recentemente, Luís Nogueira traduziu e Gil Salgueiro Nave encenou *A rainha de beleza de Leenane* e *O Oeste solitário*, produzidas, respectivamente, pelo CENDREV, em 2003, e pelo Teatro das Beiras, em 2004.

Estas duas últimas peças integram a chamada "trilogia de Leenane" – a que só falta acrescentar *A Skull in Connemara* – originalmente co-produzida pela prestigiada Druid Theatre Company irlandesa e pelo Royal Court Theatre londrino. Estreadas entre Fevereiro de 1996 e Junho de 1997, em Galway, com subsequentes apresentações em Londres e Nova Iorque, aquelas três

peças seriam responsáveis pela projecção quase planetária do dramaturgo, objecto de inúmeros prémios e do interesse de outras culturas e tradições teatrais. A produção original daquelas três peças seria acompanhada, ainda em 1996, pela estreia de *The Cripple of Inishmaan*, no Royal National Theatre, à qual se viria a juntar, já em 2001, *The Lieutenant of Inishmore*, segundo momento de uma projectada nova trilogia, dedicada às míticas ilhas Aran, que se concluiria por uma peça muitas vezes anunciada, mas nunca publicada nem levada à cena, *The Banshees of Inisherin*<sup>1</sup>.

A repetida escolha de cenários irlandeses – exactamente o mesmo "mundo ocidental" representado por alguns dos dramaturgos que haviam fundado o Abbey Theatre e a moderna dramaturgia irlandesa, com destaque para John Millington Synge – fez com que estas suas peças fossem recebidas como "irlandesas", não obstante a origem londrina do dramaturgo (mas descendente de pais irlandeses) e as muito óbvias afinidades de algumas das suas obsessões com as tendências mais evidentes da dramaturgia britânica dos últimos anos do século XX. Não por acaso, Aleks Sierz incluiria *The Beauty Queen of Leenane* num dos últimos capítulos do seu influente estudo *In-Yer-Face Theatre: British Drama Today*.

Aquelas suas primeiras peças caracterizam-se por uma abordagem intensamente paródica – não só da tradição dramática irlandesa, mas também das

<sup>1</sup> O programa do espectáculo editado pelo Teatro Municipal Maria Matos refere justamente esta peça como parte da segunda trilogia do dramaturgo, mas incorre num erro mais grave ao confundir *Connemara* com as ilhas Aran...

>  
*The Pillowman:*  
*O homem almofada,*  
 de Martin McDonagh,  
 enc. Tiago Guedes,  
 Teatro Municipal Maria  
 Matos, 2006/2007  
 (Gonçalo Waddington),  
 fot. João Tuna.



representações mais turísticas da Irlanda como idílio pastoral –, combinada com uma irreverência que pode ser vista como pós-moderna na capacidade de multiplicar e articular uma vasta variedade de referências, que podem ir das mais bizarras situações ou personagens das já clássicas peças de Synge até um tipo de violência mais próximo de universos cinematográficos como o de Quentin Tarantino<sup>2</sup>. Reveladoras de um génio cómico raro, aquelas ficções não hesitam em recuperar as soluções mais eficazes, e emocionalmente manipuladoras, do melodrama oitocentista ou das *soaps* e *sitcoms* da televisão norte-americana das últimas décadas. Caricatura, grotesco, violência, crueldade, têm sido algumas das dimensões apontadas à sua obra dramática. Mas enquanto alguns críticos lhe elogiam o génio intertextual e paródico, outros censuram-lhe a tendência para o estereótipo e a representação quase neo-colonial de uma Irlanda obscura, insular e violenta, mergulhada em lutas intestinas no seio da família e da comunidade.

Estreada no palco do Cottesloe, do Teatro Nacional britânico, em Novembro de 2003, *The Pillowman* representa uma novidade considerável no percurso criativo do dramaturgo, não só pela estratégia de maior abstracção em termos do espaço da acção – tudo parece passar-se num vago e não nomeado regime totalitário –, mas também por uma maior contenção na exploração dos recursos cénicos convocados para a figuração da violência. Muito embora continuemos a ter demoradas cenas de tortura, o universo mais terrível desta peça é transportado para pequenas narrativas, histórias infantis que tornam mais evidente um sentido quase sempre terrível associado à experiência familiar. Já em 1997, no auge da sua glória teatral, McDonagh declarara a um crítico de teatro irlandês a sua ambição única de contador de histórias, convocando um exemplo que adquiriria uma diferente reverberação após a estreia deste *The Pillowman*:

Estamos todos aqui e temos o nosso tempo na terra. Os irmãos Grimm tiveram o seu tempo e deixaram estas histórias atrás de si.

Deixar atrás de si pequenas coisas que mais ninguém seria capaz de fazer é muito mais interessante do que dizer coisas em geral sobre a natureza humana que a maior parte das pessoas consegue fazer se tentar. Espero conseguir continuar com estas histórias em lugar de alcançar algum tipo de posição em que me sinta obrigado a dizer alguma coisa de especial. (McDonagh *apud* O'Toole 1997/ Trad. m.)

Foi justamente aquela peça que o realizador Tiago Guedes encenou em Setembro de 2006 para o Teatro Municipal Maria Matos, em Lisboa, e que, exactamente um ano mais tarde, foi mostrada ao público do Porto, na abertura da temporada do Teatro Nacional S. João. Descontada a lamentável opção em preservar o título inglês original, remetendo uma sua tradução para a condição de discreto subtítulo – *O homem almofada* –, o espectáculo dirigido por Tiago Guedes mostrou-se amplamente empenhado em recuperar as mais interessantes dimensões da ficção dramática de McDonagh: essa estranha combinação de um humor lúdico com uma irrisão inquietante, capaz de penetrar e de dar a ver alguns dos mais perturbadores interstícios da natureza humana, ora através da renovação permanente de um quase "bestiário", sempre hábil e surpreendentemente encenado, ora por via de uma não menos extraordinária e perturbadora imaginação ficcional e de um inegável talento cómico.

*The Pillowman* mostra-nos a história de um jovem escritor, chamado Katurian, que é preso e interrogado, devido ao facto de muitas das suas terríveis histórias virem tendo tradução concreta nos assassinios de um conjunto de crianças, encontradas mortas nas exactas circunstâncias descritas nesses seus textos. Dessa primeira cena, cuja preocupação parece centrar-se na responsabilidade social do escritor – como se o dramaturgo estivesse a colocar-se a si próprio em cena –, passamos, no espectáculo, para um encontro com o irmão de Katurian, e para uma explicação do seu universo: Michal, o irmão, fora repetidamente torturado pelos pais de ambos – o que também explica a sua maior fragilidade e sinais evidentes de alguma deficiência – até à intervenção radical, mas

<sup>2</sup> A atracção do dramaturgo pelo cinema encontraria uma mais ampla concretização, em 2005, com a escrita do argumento e a realização de *Six Shooter*, um sombrio e sangrento filme de 27 minutos que, no ano seguinte, conquistaria o Óscar de melhor curta-metragem.



&lt;

*The Pillowman:*  
*O homem almofada,*  
 de Martin McDonagh,  
 enc. Tiago Guedes,  
 Teatro Municipal Maria  
 Matos, 2006/2007  
 (Marco D'Almeida  
 e Gonçalo Waddington),  
 fot. José Frade.

reparadora, do futuro escritor. Tanto no episódio do interrogatório, como na cena entre os irmãos, e ainda na cena final em que Katurian regressa à presença dos seus interrogadores, os diálogos são atravessados pela revelação mais narrativa das terríveis histórias do escritor, que – como o encenador português compreendeu – emprestam à peça um fulgor maior do que o que seria assegurado pela simples estrutura dramática.

As sucessivas cenas da produção portuguesa desenrolam-se num espaço cenográfico habilmente susceptível de um diálogo produtivo com o desenho de luz (de José Álvaro Correia) – nomeadamente através de jogos de sombras e transparências –, mas cujo principal traço é a deslocação para um plano superior da cela onde se encontram os dois irmãos. Rigor na concepção e justeza na execução são alguns dos principais atributos de um espectáculo cujo momento mais inesquecível será, contudo, o do surpreendente filme de animação criado (por Jerónimo Rocha, Joana Faria e Nico Guedes) para acompanhar a história da "Pequena Jesus" – uma inversão de género de que a tradução não tira partido –, na qual se cruzam a fantasia mais horrível com o tipo de redenção só proporcionado pela imaginação criativa. Num gesto de extraordinária argúcia dramática e consequência cénica, Tiago Guedes transfere a dramatização da história pela rapariga e pelos seus pais prevista no texto original de McDonagh para uma situação que, talvez, melhor preserve a intensidade do contador de histórias.

O espectáculo é interpretado por um conjunto bem conhecido de actores – Gonçalo Waddington, João Pedro Vaz, Nuno Lopes – que na reposição portuense substituiu Albano Jerónimo – e Marco D'Almeida, capazes de transmitir, com graus variados de subtilidade e consequência, um universo dominado pelos registos tão diversos da ferocidade e da inquietação, do humor e da compaixão. A proximidade das idades destes experimentados, mas ainda jovens, actores não parece, contudo, favorecer a exploração plena de algumas das situações mais inquietantes proporcionadas pela ficção dramática de

McDonagh, insistindo num efeito de "representação" que, embora dramaturgicamente coerente, subtrai ao espectáculo a possibilidade de uma diversa espessura.

Uma última nota para sublinhar o ousado trabalho dramático operado pelo tradutor e encenador sobre o texto original de Martin McDonagh, facto relativamente ao qual o programa original da produção do Maria Matos era, infelizmente, omissivo, desse modo inibindo o espectador de ter a percepção do alcance exacto da intervenção de Tiago Guedes, que só agora a leitura da tradução integral da peça, entretanto, publicada por aquele Teatro Municipal, na sua nova colecção, permite avaliar mais amplamente.

Recorde-se, ainda, que a imaginação de McDonagh como contador de histórias encontrou eco numa outra criadora portuguesa: inspirada pela produção londrina de *The Pillowman*, Paula Rego criaria um tríptico no qual dava corpo e imaginava cenários para a personagem que confere o título à peça – um ser feito de almofadas que encoraja as crianças pequenas a suicidarem-se, de forma a evitarem uma vida inteira de sofrimento... Como declarava a pintora, numa entrevista concedida a Helena Teixeira da Silva e publicada na extinta revista *Grande reportagem* de 27 de Novembro de 2004: "Aquilo é cheio de contradições, de coisas misteriosas, terríveis, cruéis. Mas tem um sentido de humor extraordinário. E tem qualquer coisa que me diz muito" (Rego 2004: 64). A todos nós, acrescentaria, como o espectáculo de Tiago Guedes tão diversamente demonstrava.

#### Referências bibliográficas

- McDONAGH, Martin (2007), *The Pillowman: O homem almofada*, trad. Tiago Guedes, Lisboa, Teatro Municipal Maria Matos.
- O'TOOLE, Fintan (1997), "Nowhere Man", *The Irish Times*, 26 de Abril.
- REGO, Paula (2004), "Paula no país das maravilhas", entrevistada por Helena Teixeira da Silva, *Grande reportagem*, Ano XV, 3.ª Série, 27 de Novembro, pp. 56-66.
- SIERZ, Aleks (2001), *In-Yer-Face Theatre: British Drama Today*, London, Faber and Faber.